

Bioinvasão pelo coral-sol *Tubastraea* spp.: Monitoramento e controle na ReBio Arvoredo e região do entorno

Bruna Folchini Gregoletto² (brunagregoletto@hotmail.com), Adriana Carvalhal Fonseca¹ (adriana-carvalhal.fonseca@icmbio.gov.br), Diana Carla Floriani¹ (diana.floriani@icmbio.gov.br), Alberto Lindner² (alberto.lindner@ufsc.br)

1) Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2) Universidade Federal de Santa Catarina

Originário da região do oceano Indo-Pacífico, o coral-sol (*Tubastraea* spp.) foi observado na década de 1950 no Caribe. No Brasil, foi detectado na década de 1980 ao largo do estado do Rio de Janeiro, crescendo sobre plataformas de petróleo. Nos últimos 15 anos, o coral-sol se alastrou por costões rochosos no sul do estado do Rio de Janeiro, onde causa necrose no coral nativo *Mussismilia hispida* e desaloja outras espécies com seu crescimento. A partir de 2008, vários focos de coral-sol foram também detectados na Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e mais recentemente em Santa Catarina, indicando uma rápida expansão na costa brasileira. A espécie é considerada exótica e invasora, pois onde se fixa domina o ambiente. Sua presença pode interferir na dinâmica da comunidade bentônica e em casos extremos gerar impactos na cadeia alimentar de alguns peixes. Das duas espécies de coral-sol detectadas no Brasil – *T. coccinea* e *T. tagusensis* – apenas *T. coccinea* foi encontrada em Santa Catarina. Desde o primeiro registro da espécie no litoral catarinense, em janeiro de 2012, a ReBio Arvoredo, em parceria com a UFSC e o Instituto EKKO Brasil vem realizando ações de pesquisa, manejo e educação visando controlar a dispersão da espécie invasora na ReBio Arvoredo e região do entorno. Nesse sentido, 23 localidades nas ilhas do Arvoredo, Galé, Deserta, Aranhas, Xavier, Moleques do Sul e na região de Porto Belo foram monitoradas, por meio de mergulho autônomo. Durante as atividades de monitoramento, além da busca ativa por pontos de invasão, também foi realizada uma avaliação da abundância dos corais escleractíneos na região, visando subsidiar análises futuras do impacto do coral-sol sobre as populações nativas. No contexto da educação foram realizadas 4 oficinas, sendo 88 mergulhadores capacitados para a identificação e denúncia de pontos de invasão do coral-sol no litoral catarinense. Os quatro pontos de invasão identificados, todos restritos a Ilha do Arvoredo, foram sistematicamente manejados entre fevereiro de 2012 e março de 2014, por meio da retirada manual das colônias encontradas, com auxílio de ponteira e marreta. A contagem e morfometria das colônias retiradas indicaram uma invasão recente, em função do registro de poucas colônias grandes e muitas pequenas. As avaliações de abundância registraram uma baixa cobertura, tanto de corais nativos, quanto da espécie invasora. Apesar dos resultados obtidos indicarem que *T. coccinea* ainda não está competindo e interagindo com as espécies nativas, espera-se que um crescimento na população de *T. coccinea* seja potencialmente prejudicial para a comunidade coralínea local, principalmente para as espécies *Astrangia rathbuni* e *Phyllangia americana*, que ocupam o mesmo nicho ecológico que *T. coccinea*. Dessa forma, entende-se que a erradicação da espécie invasora na região de Santa Catarina é possível e necessária. Para isso deve-se realizar o manejo sistemático dos pontos de invasão já identificados e o monitoramento contínuo em busca de novos pontos de invasão. Destaca-se que a formação de uma rede de monitoramento, com a participação ativa de mergulhadores locais, é imprescindível para o sucesso na identificação precoce de novos pontos de invasão.

(Instituição financiadora: Fundo Costa Atlântica/ Fundação SOS Mata Atlântica)



Caracterização da avifauna da Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba

Wilmara Guedes de Lucena¹ (lucenawg@gmail.com), Diego Mendes Lima² (diego.lima@icmbio.gov.br), João Luiz Xavier do Nascimento² (joao.nascimento@icmbio.gov.br)

1) Universidade Federal de Campina Grande. 2) Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres

A mata atlântica é um bioma que possui um alto nível de endemismo e espécies ameaçadas de extinção. Contudo, a perda de sua cobertura vegetal que resulta em fragmentação de habitat é uma das ameaças à biodiversidade para o Bioma. O trabalho foi realizado na Mata do Buraquinho, um fragmento florestal de 519,75 ha, localizado na matriz urbana do município de João Pessoa-PB, no período entre setembro de 2013 a junho de 2014. Teve como objetivo realizar um levantamento das espécies de aves da área, caracterizando a avifauna quanto a sua dieta, a sensibilidade a distúrbios no habitat e avaliar a abundância relativa. A coleta de dados foi realizada através da captura com rede de neblina, pontos de escuta e lista de Mackinnon. Para as capturas foram realizadas duas campanhas quinzenais, totalizando um esforço mensal de 100 horas/redes. No entanto, nenhum indivíduo foi capturado. Foram realizados 59 pontos de escuta, totalizando 656 contatos e 45 listas de Mackinnon. Registrou-se um total de 96 espécies distribuídas em 36 famílias. As mais representativas foram Tyrannidae (13 sp.), Thraupidae (12 sp.), e Columbidae (6 sp.). Destaca-se o registro de *Xyphorhynchus atlanticus*, espécie endêmica do Bioma e ameaçada de extinção. As espécies que apresentaram maior abundância relativa foram *Tangara palmarum* (1,62), *Vireo chivi* (1,25) e *Tangara sayaca* (0,96). O grupo trófico mais representativo foi o insetívoro, com 48% das espécies. A maioria das espécies registradas foi classificada como dependente (32%) – como exemplo as espécies frugívoras *Diopsittaca nobilis*, *Manacus manacus*, *Chiroxiphia pareola*, e *Cyanerpes cyaneus* – ou semidependente (32%) de ambientes florestais, como por exemplo as espécies *Sittasomus griseicapillus*, *Dendroplex picus*, e *Dryocopus lineatus* que são escaladoras de tronco e dependem de florestas de formação tardia. Estes dados mostram a importância da manutenção da área estudada, visando à proteção de espécies que dependem de ambientes florestais e que apresentam algum risco de extinção, bem como, as espécies que contribuem para a manutenção da floresta, beneficiando toda comunidade.



Caracterização da dieta alimentar de *Myloplus levis* Eigenmann & McAtee, 1907, (CHARACIFORMES, CHARACIDAE), no Pantanal Norte, Estação Ecológica de Taiamã, relacionada ao pulso de inundação

Rafaela da Silva Lara¹ (rafaela.lara11@outlook.com), Daniel Luis Zanella Kantek² (daniel.kantek@icmbio.gob.br), Claumir César Muniz¹ (claumir@unemat.br)

1) Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres, MT, 2) Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – Estação Ecológica de Taiamã, Cáceres, MT

O Pantanal é uma imensa planície de áreas alagáveis que faz parte da Bacia do rio Paraguai, ocupando grande parte do centro-oeste brasileiro. Este patrimônio ecológico abriga uma rica biodiversidade e ambientes aquáticos. Períodos hidrológicos regem a vivência de espécies vegetais e animais, adaptadas ao pulso de inundação. O objetivo deste estudo foi analisar e comparar a dieta alimentar de *Myloplus Levis*, em ambientes diferentes, rio e campo. Foram coletados 113 espécimes nestes ambientes, sendo 61 exemplares no rio (ambiente lótico) e 52 no campo (ambiente semi-lótico), durante os períodos de estiagem, enchente e cheia. Após coletados foram conservados em caixa térmica e posteriormente levados ao laboratório, onde foram anotados os dados biométricos, o conteúdo estomacal foi analisado sob lupa estereoscópica e pesado, sendo os itens identificados como: Folha de fumeiro, talo de fumeiro (*Aspilia latíssima*), fruto (*Ficus* sp.), semente (*Erythrina fusca*), resto vegetal (matéria parcialmente digerida não sendo possível identificação), inseto e escama. As análises indicaram que no período de estiagem os espécimes coletados no rio apresentaram maior consumo de folha de fumeiro (46,34%), talo de fumeiro (27,31%), resto vegetal (23,67%) e um pequeno consumo de insetos (Coleoptera, Hemiptera, Hymenóptera e Odonata) (2,65%). No mesmo período os espécimes coletados no campo apresentaram consumo de resto vegetal (45,05%), folha de fumeiro (31,51%), talo de fumeiro (18,23%) e inseto (1,49%), acrescentando-se um item na sua dieta, *Ficus* sp (3,65%). No período de enchente, no rio, apresentou-se um novo item alimentar e com consumo elevado, Semente (*E. fusca*) (40,82%), seguido de folha de fumeiro (26,14%), *Ficus* sp. (20,69%), resto vegetal (5,39%), inseto (2,93%), e havendo um declínio na ingestão de talo de fumeiro para (3,99%). No ambiente semi-lótico é mantido o maior consumo de folha de fumeiro